

LUA NOVA

PROGRAMA

MOVIMENTO ESTUDANTIL E SUAS ENTIDADES

"O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. Não sabe que, da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaio das empresas nacionais e multinacionais".

Bertold Brecht

A Entidade Estudantil é um instrumento do qual dispõe o estudante para se informar e se formar. Essa formação se dá a partir de discussões travadas em seu interior e de lutas cujo conteúdo seja de caráter amplo permitindo ao estudante ter uma visão global de sua realidade vista dentro de uma perspectiva dinâmica e aberta. Para tanto, uma entidade deve ser transparente, deve ser o palco, onde ideias sejam travadas e onde eventos sejam realizados.

Por outro lado, para que realmente uma entidade tenha vida, é necessário que além de uma direção afinada com essa visão, haja também um corpo estudantil que nela exerça sua capacidade crítica, de tal forma que não seja permitida a criação de espaços para o surgimento de práticos burocráticos e manipuladores. Existe portanto uma dupla responsabilidade. A da diretoria que deve sempre se expor a críticas (mais ainda deve buscá-los), e a do conjunto dos estudantes, responsáveis maiores não só pelo suporte político de suas entidades, como também de garantir a sua prática democrática.

Infelizmente, não são exatamente essas as práticas que tem observado nos últimos anos em nenhuma instância (DCE, UEE, UNE). Salta aos olhos a perda de representatividade de nossas entidades e entre muitas explicações para esse fato, es-

barramos frequentemente em concepções deturpadas de entidade estudantil e de como os mesmos devem se relacionar com partidos políticos. Em síntese, posturas que confundem posições políticas pessoais (que todos os temos mesmo quando nos dizemos "a políticos") com os da entidade, ocasionando em uma palavra, a "PARTIDARIZAÇÃO DA ENTIDADE". Mas o que é realmente isso? Como esse processo se dá?

No momento em que uma diretoria desloca seu centro de decisão para fora das universidades, no momento em que lutas estudantis são encaminhadas a partir de avaliações realizadas em formas nos quais o conjunto de estudantes não têm acesso, podemos dizer que o processo de partidarização está em marcha. A entidade passa a ser um instrumento de ação partidária. O estudante não mais se identifica nela, antes a vê como uma instância da qual ele não participa e ele se afasta. Esta fecha o círculo. Conhecemos bem esse processo não é mesmo?

Essa discussão é importante porque foi exatamente o processo de se desenvolver na Rural. Chegamos ao ponto em que a partir de processos como esses, temos hoje de literalmente reconstruir o DCE. E o que significa isso? Apenas ocupar o espaço físico da entidade? Evidente que não. O necessário hoje é em nossa avaliação, reestabelecer os vínculos que ligavam os estudantes com sua entidade máxima, tornando-a REPRESENTATIVA dos seus interesses. Em outras palavras, torná-la novamente um instrumento estudantil.

Necessitamos portanto desse momento, compreender as práticas passadas, criticá-los e avançarmos no rumo de novas concepções de organização onde fenômenos como esse (PARTIDARIZAÇÃO) não encontrem mais espaços para se implantar.

- Por um DCE presente na luta dos estudantes.

O QUE É LUA NOVA - PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO DA ENTIDADE.

Vivemos na Rural um momento em que nitidamente o problema da organização de nossas entidades se coloca. Sabemos que a partidização das entidades ocorre principalmente como um reflexo da visão que os membros da gestão têm em relação à condução da mesma. No entanto sabemos também que uma estrutura fechada, que não permite a ampla participação dos estudantes, facilita ainda mais esta partidização.

O grupo LUA NOVA tem na luta contra a partidização uma de suas maiores bandeiras. Mas não basta apenas anunciar isto. Temos que, além dessa compreensão, construir organizações que permitam a participação efetiva do estudante. A partir desta reflexão, apontamos algumas premissas:

1. A visão tradicional, de que existem "iluminados", que tudo sabem, deve ser questionada, pois posturas como estas levam ao isolamento e conseqüentemente a erros, como aliás, fartamente nos tem mostrado a história.

2. Uma excessiva centralização das deliberações e encaminhamentos estimulada a partir de uma organização de ti-

po "vertical"; Presidente, Tesoureiro, secretário e assim sucessivamente. Isso cria condições objetivas para existência de "pacotes", e elaboração de ações políticas traçadas de cima para baixo, sem que um mero mortal estudante tenha delas participado.

3. O DCE não deve ser apenas "ocupado", mas sofrer todo um processo de reconstrução e isso significa torná-lo novamente representativo. Os estudantes devem novamente reconhecê-lo em quanto um instrumento seu.

Levantadas essas preocupações e dificuldades, entendemos que devemos e podemos reverter esta situação.

Vamos criar um Diretório Central de Estudantes e esquecer o Diretório de diretores. A LUA NOVA propõe estudantes discutindo e trabalhando juntos em comissões abertas e autônomas, nas quais todos os que desejam realizar algo de novo ou mesmo reformular o que temos, e não nos sentimos satisfeitos, tenha seu espaço garantido, quer seja em uma comissão de alojamento, de cine-clube, do bandeirão, cultura, etc. O grupo da futura gestão do DCE se articularia com essas comissões, participando do encaminhamento de suas deliberações e em um nível mais geral trabalhando para o fortalecimento das discussões co-

muns.

Essa proposta não é filosófica, é prática. É prática visto que isto já vem ocorrendo quando um grupo de alunos, vindo do estado em que se encontrava nossa entidade e o movimento estudantil na Rural, sentiu a necessidade de organizá-lo, através de discussões e trabalho e não através de cargos de diretoria.

VOCÊ PODE E DEVE PARTICIPAR - O ESPAÇO JÁ EXISTE !

GRUPO LUA NOVA:

Berenice - Economia - 2º período
 Wilkie - Agronomia - 2º período
 Fernando - Zootecnia - 1º período
 Elío - Economia - 2º período
 Eder - Zootecnia - 3º período
 Maylta - Zootecnia - 2º período
 Helena - Econ. Dom - 1º período
 Aparecida - Econ. Dom - 2º período

SE FICAR O BICHO COME SE CORRER O BICHO PEGA



SE UNIR O BICHO FOGE !!



CONDIÇÕES DE VIDA NA RURAL

A qualidade de vida dos estudantes da UFRRJ, tanto para os que residem no campus, quanto para os do Km 49 é muito ruim. Todos sabem e sentem isto.

Alojamentos: banheiros quebrados, sem vidros e espelhos, goteiras, sem banho quente, sem as condições adequadas de higiene. Demais de material já foram denunciados.

Bandeirão: foi preciso uma greve para que se consertassem painéis de pressão que colocavam em risco os funcionários. O número de funcionários é insuficiente e o serviço deixa a desejar. Também aqui foram feitas denúncias de desvio de alimentos.

Assistência Social: no momento, no Decanato de Assuntos Estudantis, está desativada a Divisão de Assistência Social, que deveria contar com psicólogos e assistentes sociais.

Segurança: a situação é crítica. Já houveram estropos, assaltos, assassinatos e roubos diversos, no campus e no Km 49.

Lazer: os estudantes da Rural não têm absolutamente nenhum tipo de lazer, a não ser a televisão. Chega-se ao absurdo de fechar-se o ginásio nos fins de semana, impossibilitando até a prática de esportes.

Casas no Km 49: além dos problemas de segurança, muito mais sérios naquele local, o estudante que reside no Km 49 é

obrigado a pagar preços altos de aluguel, na maioria dos casos determinado por uma especulação imobiliária.

Manifestações culturais: a cultura é algo próprio e inerente em nossas vidas e traz em seu bojo a história manifestada em arte. Nossa universidade, que possui todos os meios adequados para realização de shows, exposições, teatro, dança, música, poesias e filmes, não tem sido capaz de efetuar isto nos últimos anos. Hoje, sentimos o grande buraco causado pela não realização de tais eventos.

Contamos com grande número de artistas que não encontram espaço para manifestar sua arte, daí possuímos a necessidade concreta de formarmos aqui na rural, um centro cultural independente, gerador, organizador e incentivador de todos eventos.

Junto a todo esses quadros, vemos a necessidade de conscientizarmos através da arte e estendermos todos trabalhos à comunidade do Km 49, levando cultura às praças.

Paralelo a todos acontecimentos realizados, pretendemos promover debates e palestras amplas, onde discutiremos a sexualidade, maconha, situação nacional, ciência, pesquisas, etc.

Tudo não para por aí. Temos que arrancar nossas mangas e sair abrindo os espaços ociosos.

A Lua Nova virá trazendo algo de novo, renovando o cultural e criando incentivo.

- Para o 2º período de 87 propomos:

VII FEMURJ;
 CONSTRUÇÃO IMEDIATA DO CENTRO DE CONVIVÊNCIAS;
 REATIVAÇÃO IMEDIATA DO CINE CLUBE;
 ARTE-MURAIS;
 MOSTRA DE POESIAS;
 CONCURSO DE POESIAS;
 POESIA NA PRAÇA (Km 49);
 SHOWS;
 APRESENTAÇÃO DE DANÇAS;
 TEATRO TEATRAIS;
 SEMANA CULTURAL;
 ARTE FALADA.

Todos estes problemas sentidos podem e devem ser resolvidos, se não totalmente, pelo menos em parte. É importante que o DCE se torne uma entidade que lute por estes problemas, pelos problemas dos estudantes. É importante que se comece a brigar por condições de vida que nos permitam um bom aprendizado.

Mas qual a forma de melhorarmos estas condições?

A melhor maneira de avançarmos nestas questões e conseguirmos uma qualidade de vida melhor, é a de nos organizarmos. Esta organização passa por uma entidade representativa, que encaminhe a nossa luta, e neste sentido devemos tornar o DCE cada vez mais forte. O DCE é a entidade representativa do estudante. No entanto, a sua diretoria não pode atuar isolada do conjunto dos estudantes.

Desta forma, propomos a formação de comissões abertas com plena autonomia, ou seja, comissões de alunos, abertas à par-

participação de quantos queiram contribuir, no sentido de encaminhar na prática sugestões e propostas para a melhoria de vida no campus. Estas propostas deverão ser encaminhadas através do DCE para o conjunto de estudantes (Assembléias, consultas amplas, etc.), que poderão participar destas questões e deliberar sobre a melhor maneira de encaminhá-las. Propomos a formação de comissões abertas para os alojamentos (já exemplo do que vem sendo realizado no 6º alojamento), bandeirão, cultura e lazer e assistência social. Poderiam ainda serem criadas comissões específicas, como cineclube, shows, teatros, etc.

- Por melhores condições de vida no CAM PUS e no KM 49!

- Pela formação de comissões abertas para discussão e elaboração de propostas relativas à qualidade de vida no campus!

A QUALIDADE DE ENSINO NA UNIVERSIDADE

A universidade deveria formar profissionais de concepção, capazes de darem respostas criativas aos seus desafios profissionais. Ao invés disto, hoje se formam profissionais de execução, onde se valoriza muito mais a capacidade de responder do que questionar.

A crise por que passa a universidade se expressa no tipo de profissional que está sendo formado, marcadamente um profissional de execução isto é, um profissional não crítico, repetidor de tecnologias, simples manipulador de técnicas importadas e incapaz de criar. Para isto bastaria a formação profissional de nível médio.

Atualmente em nossas salas de aula passamos por processos pedagógicos que valorizam a memorização dos conteúdos programáticos, as respostas prontas e acabadas e que estabelecem uma relação professor-aluno autoritária e arcaica. Este processo acarretou uma desvalorização da prática e do conhecimento científico, inibindo, portanto, o surgimento de novos valores. Neste sentido entendemos que este projeto político-educacional induz ao "adestramento" e não à educação.

Por outro lado observamos que para o Estado, que é responsável pelo ensino público, interessa a formação deste tipo de profissional. E porque há este interesse? O Brasil, ao adotar como estratégia de crescimento econômico a modernização da economia, baseada na importação de tecnologia, não abre espaço para a atuação de profissionais críticos e questionadores desses modelos, ou seja, profissionais de concepção (capazes de criar e desenvolver tecnologias). Este tipo de profissional (crítico) se adequaria melhor, caso a proposta de crescimento econômico fosse alicerçada no desenvolvimento social, pois conduziria à criação de uma tecnologia nacional baseada numa política científica adequada aos interesses sociais.

Rejeitamos portanto o modelo de crescimento econômico meramente modernizador, tendo em vista hoje suas consequências negativas em âmbito social, científico e cultural. Entendemos por outro lado que um modelo de crescimento econômico onde as questões sociais e ambientais sejam prioritárias, acarretará na transformação das relações do Estado perante as Instituições, a Universidade inclusive.

Nesta nova universidade, a partir de uma democratização de sua estrutura interna se materializaria um novo tipo de relação professor x aluno, onde a consciência crítica, a problematização dos conteúdos programáticos e a valorização do pensamento científico seriam priorizados. Isso levará forçosamente à formação de um novo tipo de profissional, um profissional de concepção, treinável e socialmente responsável. Entendemos que a partir de uma definição curricular um novo enfoque à extensão e pesquisa e um amplo debate universitário sobre objetivos e condições de nosso ensino, poderemos caminhar em bases mais sólidas para uma Nova Rural.

- Pela melhoria na qualidade de ensino!

- Por uma discussão ampla sobre o atual modelo de educação, visando a sua reformulação.

- Pela formação de técnicos capazes de atuarem criticamente dentro da realidade social do país.

ESTRUTURA E ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE

"A democratização da universidade que está em curso tanto pode ser um instrumento para resolver a crise como forma de perpetuá-la. Só a democratização não basta. É necessário desenvolver mecanismos de reestruturação do ensino e da pesquisa para revitalizar e dar credibilidade à universidade brasileira" - Eunice R. Durham.

O processo histórico de criação das universidades brasileiras tem mostrado o fracasso de todas as tendências em se estruturar esta instituição para atuar vinculada à nossa realidade e de maneira crítica e participativa. Exemplos destas tentativas foram a criação da Universidade do Distrito Federal, na década de 30 e da UnB, nos anos 60. O objetivo era a implantação de centros de elaboração, com uma formação inicial necessária científica ou humanística, que precederia seu ingresso nas faculdades de formação profissional. A formação inicial se daria, por exemplo em uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o que chegou a fazer parte do projeto original da USP.

O endurecimento do Regime Vargas

fez com que a UDF sobrevivesse só até 1938, enquanto que o regime militar de 64 se incumbiu de desviar os objetivos iniciais do projeto da UnB, através, inclusive, da perseguição a professores e alunos. Uma universidade estruturada de modo a que os alunos discutissem a realidade do país não interessava a estes governos. Voltou-se ao princípio estruturante, que predomina até hoje, onde o curso é organizado para conferir apenas diplomas, que dão direito ao exercício de uma profissão.

Com a reforma da década de 60, a nova proposta era de uma organização em departamentos, em substituição às cátedras, estruturas rígidas que barravam uma carreira universitária estável. Para se tentar uma maior integração entre áreas de conhecimento, se implantaram os institutos. Estes, pensava-se, poderiam fornecer a formação humanística e científica a todos os alunos, que depois prosseguiriam seus estudos nas escolas profissionais. Como já se falou, o Regime Militar tratou de deturpar estas idéias, incorporando-as a um sistema conservador. O resultado disto é que Institutos e Departamentos passaram a funcionar contra a idéia original, segmentando ainda mais a Universidade, que passou a se articular apenas pela cúpula (Reitor e Conselho Universitário).

O processo de democratização, ocorrido na instalação da Nova República, apesar de significar um avanço importante, não foi suficiente para dar soluções a estes problemas. Em alguns casos, o Departamento, como unidade administrativa, transformou-se em um espaço político de disputa por um poder burocrático, ao invés de servir de instrumento de transformação destas estruturas. Devemos, portanto, lutar por eleições diretas para a Reitoria da Rural, mas ter também claro que só isto não basta. É importante que se mantenha a discussão e a mobilização de todos os segmentos, para que todas as mudanças estruturais a que aspiramos aconteçam.

Devemos nos mobilizar para que nossa universidade forme profissionais com uma visão crítica da nossa realidade e capazes de darem respostas criativas na sua atuação. Devemos lutar por uma universidade estruturada para estes objetivos e capaz de discutir as suas deficiências e o seu futuro.

Hoje, a Rural está muito longe da atuação que deveria ter. Das três atribuições básicas - ensino, pesquisa e extensão - nenhum funciona adequadamente. A falta de recursos é agravado por uma máquina administrativa viciada e inoperante. O ensino é deficiente, a pesquisa é feita mais pelo esforço individual de alguns e a extensão praticamente não existe. Ou seja, o pouco conhecimento produzido na universidade não tem como passar para a sociedade, que não tem também meios de informar o que precisa ser estudado.

Os alojamentos são mal administrados. A água é suja. O bandeirão em crise. Os funcionários e professores são mal remunerados. A escassa verba que chega

do MEC é gasta, em grande parte, para manter a própria máquina administrativa. Os setores burocráticos crescem, em detrimento às atividades fim.

No momento em que se luta por uma Estatuinte, é fundamental que os estudantes da Rural discutam com os outros segmentos formas alternativas de estruturação e organização administrativa, que garantam uma universidade revitalizada, forte e participativa.

- Por eleições diretas para os cargos administrativos de todos os níveis.
- Por uma discussão ampla, sobre a estrutura e administração da Rural, visando a Estatuinte.
- Por uma estrutura administrativa que permita uma formação crítica e participativa do estudante.
- Por melhores salários e condições de trabalho para docentes e funcionários.



A. UNIVERSIDADE E A SITUAÇÃO NACIONAL

A crise da universidade reflete a crise existente na sociedade. Esta afirmação pode parecer, à primeira vista, errada para aqueles que vêem a universidade como sendo um mundo separado de um contexto maior, que é a sociedade. Assim, se queremos, de fato, compreender o caos em que hoje estamos, é necessário nos abirmos para uma avaliação social.

DAS ORIGENS DA ATUAL CRISE:

O ano de 1964 foi um marco na história da sociedade brasileira. Vimos uma sociedade que se mobilizava e uma universidade que estava de braços dados com as lutas pela transformação social. É neste quadro, de avanço das lutas democráticas, que ocorre o golpe militar. O QUE MUDOU? Os interesses. Para aqueles que tomam o poder, não era interessante ver o país se desenvolvendo, se auto-determinando, ver uma universidade crítica, criadora... ENTÃO O QUE FIZERAM? De imediato, promoveram uma aproximação com os E.U.A. Este tem carta branca para a exploração de nossas riquezas e de nossa gente. E A EDUCAÇÃO? Era uma preocupação. Em primeiro lugar, param de investir na educação pública. Inicia-se o processo de incentivo à iniciativa privada.

Com relação à educação, a aproximação com os E.U.A. se dá através dos acordos Brasil-MEC e USAID (Agência Internacional para o Desenvolvimento, integrante do Programa Aliança para o Progresso) Estes acordos previam e efetivavam a

crescente emergência de técnicos do governo americano no planejamento do ensino brasileiro. Estes acordos, assinados no período de 64/68, atingiram toda a educação brasileira, desde o primário à universidade.

A reforma universitária (5.540), estabelece uma universidade no modelo norte-americano (departamentos, sistemas de créditos, etc.).

Há uma onda de protestos em todo o Brasil, contra os rumos que estavam sendo dados à educação. O governo responde com o Decreto Lei 477 que proibe qualquer participação política aos estudantes.

MAS, AFINAL, QUAL O OBJETIVO DE TODAS ESSAS MUDANÇAS? Dominar as cabeças, por dar a consciência crítica. Disciplinas como Moral e Cívica, EPB, são introduzidas nos currículos, enquanto outras como filosofia são retiradas. Ao pensar e programar o que deveríamos estudar, eles estavam programando a futura geração; esta não poderia perguntar: "Por que?", "Para que serve?" e "Contra quem serve?". A universidade tornou-se reprodutora de um crescimento importado, voltado a atender os interesses de uma minoria. A educação torna-se a cada dia uma simples mercadoria, onde os tubarões do ensino (Sr. Gama Filho, Sr. Cândido Mendes, Sr. Hêlio Alonso, etc.) só conseguem enxergar o lucro, nada mais. Mecanismos de elitização são criados, entre eles o famigerado vestibular.

Dessa forma, a universidade criada pelo regime militar é fechada em si mesma, burocrática, não é crítica, não é criadora, não produtora. Ela valoriza o transitório (a estrutura) em detrimento do permanente (a cultura).

O GOVERNO DA "NOVA REPÚBLICA":

O que vemos hoje no país é uma instabilidade política. O governo da "Nova República", no essencial, permanece com a proposta econômica e social dos governos militares, pois continua favorecendo aqueles que já eram favorecidos. Os interesses são os mesmos.

Retiraram dinheiro da educação, da saúde para darem aos banqueiros internacionais em forma de pagamento de juros da dívida externa (que é eterna). Temos atualmente o maior arrocho salarial na história do Brasil.

É um governo ilegítimo, que não foi eleito por nós.

E A EDUCAÇÃO COMO VAT?

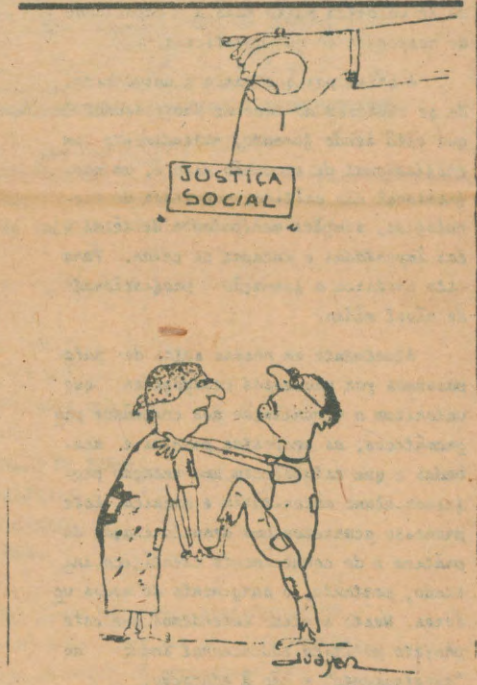
O governo tenta de todas as formas privatizar a universidade. Desde 68 não é aberta nenhuma universidade pública no Brasil, mas isto não chega. Já temos 83% da rede de ensino do Sudeste entregue aos tubarões da educação; eles querem 100%. E POR QUE? Por que querem uma universidade que forme agrônomos e veterinários para servirem aos interesses do latifúndio; químicos que pesquisem para grandes empresas; economistas e administradores para cuidarem dos interesses privados; engenheiros para enriquecerem

as empresas estrangeiras, etc. Hoje nos formam com estes objetivos, mas não podemos deixar que a nossa universidade se transforme numa empresa, pois é isto que eles querem, através da privatização.

Depois de tantos anos de investidas contra a universidade brasileira, é preciso REINVENTARMOS A UNIVERSIDADE. Contudo, se a tendência de fazer do ensino superior um "negócio" continuar, uma nova universidade será difícil de brotar, pois o debate e a crítica não são rentáveis e quando o são alguma coisa está errada.

A solução da universidade está em transformá-la num centro de discussão, onde professores, estudantes e funcionários ultrapassem os seus limites, para aprenderem junto com a população, não por curiosidade intelectual, mas por que aprendem ensinando. A solução está em defendermos a luta dos trabalhadores do campo e da cidade, está em lutarmos por eleições diretas, pelo não pagamento da dívida externa. A solução está em nos tornarmos parte integrante viva da sociedade.

- Pelo ensino público e gratuito!
- Por uma universidade integrada à sociedade.



Eleições para o DCE
Dias: 2 e 3 de setembro

na página 1, artigo MOVIMENTO ESTUDANTIL E SUAS ENTIDADES:

2º parágrafo:

leia-se:

8ª linha.....práticas burocráticas e manipuladoras
12ª linha.....buscá-las

3º parágrafo:

2ª linha.....as práticas que se tem
6ª linha.....as
9ª linha.....as mesmas
12ª linha.....as temas
13ª linha.....apolíticos

5º parágrafo:

3ª linha.....desenvolveu

6º parágrafo:

1ª linha.....necessitamos, portanto, nesse momento
3ª linha.....criticá-las
6ª linha.....implantarem

na página 2, artigo O QUE É LUA NOVA-PROPOSTA DE ORG.DA ENTIDADE:

ítem 2 - 3ª linha....a partir

ítem 3 - 3º parágrafo-14ª linha.... articulará

ítem 4 - 4º parágrafo- 7ª linha.... Rural

GRUPO L U A N O V A:

| | | |
|-----------|-------------|--------------|
| APARECIDA | - Econ.Dom. | - 2º período |
| ARÃO | - Lica | - 8º " |
| BERENICE | - Economia | - 2º " |
| ÉDER | - Zootecnia | - 3º " |
| ÉLIO | - Economia | - 2º " |
| FERNANDO | - Zootecnia | - 1º " |
| FRANCISCO | - Agronomia | - 2º " |
| HILENA | - Econ.Dom. | - 3º " |
| MAYLTA | - Zootecnia | - 8º " |
| WILKIE | - Agronomia | - 2º " |

no artigo CONDIÇÕES DE VIDA NA RURAL:

ítem Alojamentos - leia-se DESVIOS ao invés de demais

" Hogarunça - " ESTUPROS no invén de estrupos

" Manifestações Culturais, 3º parágrafo, 1ª linha: FOLO NESSE QUADRO

CENTRO DE CONVIVÊNCIA
PEÇAS TEATRAIS
REATIVAÇÃO JORNAL DO DCE

na página 3, artigo QUALIDADE DE ENSINO NA UNIVERSIDADE

§º 4º parágrafo - 10ª linha..... DESSE MODELO

no artigo ESTRUTURA E ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE:

2º parágrafo-3ª linha: tentativas ao invés de tendencias

7º parágrafo-4ª linha: nenhuma